



Comentários dos comissários



Formuladores de políticas governamentais

- David Halpern – Conselheiro político de confiança, levando experimentação formal e *insights* comportamentais para governos, primeiro no Reino Unido e atualmente em diversos países 2
- Fitsum Assefa Adela – Comprometida formuladora de políticas, empenhada em levar uma perspectiva integrada do governo para o planejamento e desenvolvimento de nível ministerial 3
- Andrew Leigh – Político experiente, levando formação econômica e jurídica para a elaboração e o debate de políticas públicas 4
- Soledad Quiroz Valenzuela – Conselheira científica governamental, contribuindo com suas experiências nacionais para os esforços regionais e globais para melhorar a qualidade do assessoramento científico governamental 5



Líderes de organizações

- Asma Al Mannaei – Servidora pública experiente, liderando a melhoria da qualidade e conduzindo a pesquisa e a inovação em um sistema de saúde 5
- Modupe Adefeso-Olateju – Líder de organização não governamental, pioneira no uso de avaliações conduzidas por cidadãos e parcerias público-privadas para melhorar os resultados educacionais para crianças 6



Profissional

- Julian Elliott – Pesquisador clínico, utilizando tecnologia para a preparação e manutenção eficiente de sínteses de evidências e diretrizes “vivas” para informar a tomada de decisão 6



Cidadãos

- Maureen Smith – Líder cidadã, promovendo o engajamento significativo de pacientes e cidadãos na condução de pesquisas e seu uso na tomada de decisão 7
- Hadiqa Bashir – Jovem líder, atuando em defesa dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero em ambientes dominados por homens 7



Intermediárias de evidências

- Julia Belluz – Respeitada jornalista, levando rigor ao jornalismo sobre o que a melhor ciência disponível nos diz ou não sobre os principais desafios do nosso tempo 8
- Kerry Albright – Servidora pública internacional e eterna curiosa, levando entusiasmo sobre a tomada de decisão informada por evidência, pensamento sistêmico, e ajuda para a compreensão do valor da evidência para o desenvolvimento internacional 8



Intermediária e produtora de evidências

- Gillian Leng – Executiva experiente, liderando uma agência de avaliação de tecnologias e diretrizes para apoiar a tomada de decisão no âmbito da atenção à saúde e assistência social para governos, provedores de serviços e pacientes 9



Produtor de evidências

- Jan Minx – Acadêmico orientado para o impacto, levando abordagens inovadoras de sínteses de evidências para aconselhamento político nacional e avaliações científicas globais sobre a mudança climática e sustentabilidade 9



Formulador de políticas governamentais, David Halpern

Conselheiro político de confiança, levando experimentação formal e insights comportamentais para governos, primeiro no Reino Unido e atualmente em diversos países

Para mim, as principais conclusões são: 1) uma expansão vertiginosa para superar o atraso é necessária para outros setores que tenham a intenção de alcançar o setor da saúde em todos os aspectos da produção, compartilhamento e uso de evidências; 2) um mecanismo global é necessário para que os governos encomendem conjuntamente sínteses de evidências – não apenas para evitar a duplicação – e para que um conjunto de produtores de bens públicos globais responda com produtos de evidências de alta qualidade e de forma oportuna; e 3) a “capacidade de absorção” nos governos e órgãos profissionais precisa ser construída. Estou tanto entusiasmado como impaciente com respeito a esses pontos.

No primeiro ponto, precisamos expor a fragilidade de nossa base de evidências em muitas áreas, mas também destacar de uma forma mais positiva o que será possível quando a tivermos construído. A COVID-19 ilustra esses dois lados – um avanço incrível e rápido em alguns domínios, mas também algumas lacunas sérias. Isso nos leva à nossa **recomendação 2** – todos devemos prestar atenção quando uma alegação está sendo feita e perguntar sobre a qualidade e a aplicabilidade das evidências em que a alegação se baseia. Saiba demandar melhor!

Passando ao segundo ponto, precisamos trazer à luz as perguntas para as quais os departamentos governamentais deveriam saber as respostas, mas não sabem – ou, dito de outra forma, precisamos identificar as áreas de política e prática que estão “construídas na areia”. Tivemos algum sucesso nessa linha no Reino Unido, com o que chamamos de “áreas de interesse de pesquisa”. Essas questões de interesse dos departamentos governamentais agora ajudam a moldar a agenda de financiamento de pesquisa da Agência de Pesquisa e Inovação do Reino Unido (£8 bilhões por ano). Isso se conecta à nossa **recomendação 5** sobre tornar os sistemas de suporte de evidências de governos mais adequados à finalidade. Também precisamos de um mecanismo de coordenação global para responder a essas questões, gerando, sintetizando e compartilhando evidências. Seria uma rede global de *What Work Centres* (aproveitando o que já temos no Reino Unido), mas outros países podem querer usar um nome diferente para a rede. A rede global pode ajudar a abordar a desigual cobertura e qualidade das evidências disponíveis, e a duplicação desnecessária que vemos agora com cada país agindo por conta própria (ou tirando proveito de investimentos de outros). Isso se conecta à nossa **recomendação 24**, dirigida a financiadores.

O último ponto refere-se à fragilidade das instituições cujos conselhos políticos são vistos como definitivos. A verdade alarmante é que, em grandes áreas de política e prática, estamos tropeçando no escuro. As avaliações robustas são raras. Ao mesmo tempo, os formuladores de políticas tendem ao excesso de confiança. Guias técnicos, como o Livro Magenta do Reino Unido sobre a elaboração de avaliações e o Livro Verde sobre como avaliar políticas, programas e projetos, são um bom ponto de partida. Precisamos de mais equipes e parcerias, consultores científicos e órgãos consultivos no governo para o suporte de evidências adequado à finalidade (**recomendações 6-8**), e as correspondentes melhorias nas organizações profissionais (**recomendação 12**). A construção da capacidade de avaliação, como a nova Força-Tarefa de Avaliação do Reino Unido, é especialmente importante para a construção de evidências juntamente com a capacidade de utilizá-las. Em algum momento gostaria de ver os conselheiros políticos seniores sendo selecionados, avaliados periodicamente e comparados internacionalmente em referência à capacidade de compreender e usar evidências. O relatório da Comissão de Evidências reúne essas ideias, junto com muitas orientações de como colocá-las em prática.





Formuladora de políticas governamentais, Fitsum Assefa Adela

Comprometida formuladora de políticas, empenhada em levar uma perspectiva integrada do governo para o planejamento e desenvolvimento de nível ministerial

Como membro do gabinete e participante essencial na equipe macroeconômica do meu país, minha equipe e eu temos a enorme responsabilidade de oferecer as melhores recomendações para planos de desenvolvimento eficazes e projetos de políticas destinadas a responder aos desafios sociais. Isso torna o escritório que lidero um dos principais usuários de evidências, tanto para fornecer uma base para os planos e políticas, quanto para recomendações de políticas alternativas.

Minha participação na Comissão de Evidências, bem como meu envolvimento nos últimos três anos no topo do processo de formulação de políticas, onde nos esforçamos para fazer políticas em um ambiente complexo, proporcionaram a oportunidade ideal de reenfatizar a necessidade de sintetizar as muitas formas de evidências pertinentes a uma questão em foco.

Para apoiar o uso de evidências na formulação de políticas e monitorar nossos impactos, minha equipe está desenvolvendo uma nova métrica de monitoramento e avaliação para acompanhar melhor o progresso no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Além disso, estamos trabalhando com as partes interessadas para desenvolver um índice nacional de pobreza multidimensional (IPM) para complementar as medidas de pobreza existentes. Enquanto os IPM globais podem preparar o cenário para comparações globais, os IPM nacionais podem fornecer a sensibilidade necessária para os contextos locais.

Assim, apoio fortemente os *insights* fornecidos no capítulo 3 sobre decisões e tomadores de decisão, particularmente aqueles fornecidos na [seção 3.3](#) sobre a demanda por evidências entre os formuladores de políticas governamentais e o contexto para o uso das evidências. Também apoio plenamente os *insights* fornecidos sobre o sistema de suporte de evidências na [seção 6.2](#), onde a necessidade de se basear em contextos locais (nacionais ou subnacionais) foi enfatizada. Os *insights* sobre a necessidade de bens públicos globais e capacidades distribuídas de forma equitativa na [seção 6.1](#) também são importantes, dada a falta de equidade global a esse respeito. Este relatório será instrumental para nos guiar no sentido das melhores maneiras de usar as evidências para compreender de forma adequada e responder de forma eficaz os desafios sociais.





Formulador de políticas governamentais, Andrew Leigh

Político experiente, levando formação econômica e jurídica para a elaboração e o debate de políticas públicas

A participação na preparação deste relatório e nas discussões entre os comissários mudou meu pensamento sobre o que posso fazer pessoalmente, o que os países como o meu precisam fazer e o que gostaria que as organizações multilaterais fizessem.

Particularmente, a **seção 4.8** – melhores evidências *versus* outras coisas – é a minha seção favorita. Oferece muitos conselhos sensatos sobre como obter mais das “outras coisas” que representantes eleitos como eu recebem regularmente, tais como um *preprint* de um estudo único, um *expert* com uma opinião, um painel de *experts* oferecendo recomendações, e um monitoramento de jurisdições. Há alguns anos, escrevi um livro sobre ensaios randomizados. Agora, depois de trabalhar neste relatório, estou ainda mais entusiasmado com a necessidade de avaliações de políticas randomizadas. Um dos pontos fortes dos ensaios é que podem ser explicados facilmente para os cidadãos. Podem nos ajudar a contornar as preocupações dos cidadãos sobre a “tecnocracia”, uma vez que pessoas comuns sentem que estão sendo enganadas por processos de tomada de decisão que não entendem. A confiança no governo não se resume a tomar as decisões certas; trata-se de tomar decisões que os cidadãos percebam como corretas.

A avaliação não é uma questão de elite. As evidências são para todos. Nosso relatório oferece sugestões a indivíduos, governos e organizações não governamentais. Se uma pessoa está analisando as evidências sobre como parar de fumar ou perder peso, deve examinar as sínteses de evidências, não estudos únicos. Se um jornalista escreve sobre saúde, o acesso regular à Cochrane o levará a encontrar evidências que apresentam a essência de milhares de tópicos. Para os veículos de comunicação que reportam questões sobre política social, a Colaboração Campbell oferece o mesmo serviço. Nosso relatório propõe que os governos possam fazer um melhor uso das evidências em suas decisões e construam a base de evidências por meio de avaliações rigorosas. As organizações internacionais devem recorrer mais às evidências e o Banco Mundial precisa preparar um relatório de referência sobre o uso das melhores práticas de evidências.

As organizações internacionais diferem consideravelmente na forma como utilizam as evidências. Os relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas usam uma abordagem altamente rigorosa para selecionar e classificar as evidências sobre o aquecimento global e suas consequências. Outras organizações mundiais são menos sistemáticas no uso de evidências, frequentemente se baseando em estudos únicos, citando apenas a opinião de *experts* quando existe um corpo substancial de literatura revisada por pares, ou extrapolando evidências entre contextos muito diferentes. Não se trata de organizações internacionais intencionalmente desvirtuando a ciência – essas organizações estão empenhadas em melhorar e *experts* externos podem ajudá-las a fazer isso avaliando relatórios à luz das políticas publicadas de cada organização sobre como usar evidências. Conforme descrito na **seção 5.5**, a identificação e exposição de pontos a serem trabalhados teve um impacto tremendamente positivo no uso de evidências pela Organização Mundial da Saúde, a partir de 2007. Outras partes do sistema da ONU precisam seguir o exemplo da OMS.

Entre as organizações filantrópicas, há um reconhecimento crescente de que a avaliação de alta qualidade pode criar um ciclo virtuoso: permitindo que programas ineficazes sejam progressivamente substituídos e programas eficazes sejam expandidos. O movimento do altruísmo eficaz em franco crescimento está exigindo que as instituições de caridade produzam evidências rigorosas de seu impacto. Por exemplo, o *GiveWell.org* estima que duas de suas instituições de caridade mais bem conceituadas – a *Against Malaria Foundation* e o *Malaria Consortium* – salvam, cada uma, uma vida para cada US\$4.500 adicionais que gastam em seus programas. Esse é um poderoso incentivo para os doadores apoiarem essas instituições de caridade. Mais evidências do impacto direto de outras instituições de caridade poderiam ajudar a impulsionar uma corrida filantrópica para o topo.

”



Formuladora de políticas governamentais, Soledad Quiroz Valenzuela

Conselheira científica governamental, contribuindo com suas experiências nacionais para os esforços regionais e globais para melhorar a qualidade do assessoramento científico governamental

Alguns dos meus colegas comissários estão focados em melhorar o que já existe, mas em muitos países da América Latina ainda não temos os componentes essenciais para o uso das evidências na resposta aos desafios sociais. Alguns governos não contam com conselhos consultivos, por isso precisamos começar por criá-los. A maioria dos governos não tem funcionários treinados em como usar as evidências regularmente em seu trabalho. Não creio que a América Latina esteja sozinha nesse aspecto. Em minha função como vice-presidente para políticas da *International Network for Government Science Advice* - INGSA (Rede Internacional para Conselhos Científicos Governamentais), ouço descrições semelhantes de colegas de outras regiões. Redes como a INGSA podem desempenhar um papel fundamental em mostrar a relevância de um sistema de suporte de evidências que funcione para seu contexto.



Líder de organização, Asma Al Mannaie

Servidora pública experiente, liderando a melhoria da qualidade e conduzindo a pesquisa e a inovação em um sistema de saúde

Trabalho em um ambiente de ritmo acelerado, onde as decisões devem ser tomadas com base nas melhores evidências disponíveis, de preferência apresentadas em formatos adequados para executivos ocupados. Portanto, as partes do relatório da Comissão de Evidências que são mais importantes para mim são aquelas que poderiam ajudar nossas autoridades a desenvolver os tipos de sistema ultrarrápido de suporte de evidências de que precisamos em Abu Dhabi. Alguns exemplos incluem a [seção 2.4](#) (exemplos de abordagens para priorizar os desafios a serem respondidos, especialmente a coluna final sobre as abordagens da COVID-END), a [seção 4.7](#) (produtos vivos de evidências, especialmente sínteses vivas de evidências às quais podemos recorrer continuamente), a [seção 5.3](#) (estratégias usadas pelos intermediários de evidência, especialmente os serviços de evidência rápida), e a [seção 6.2](#) (capacidades distribuídas de forma equitativa, especialmente como nossos próprios processos internos podem melhor convergir com as normas e as recomendações, a assistência técnica e os bens públicos globais). Se pudermos criar “trunfos” que atendam melhor às nossas necessidades atuais, tenho esperança de que possamos apresentar a necessidade de trabalhar em múltiplos horizontes temporais. Sem dúvida, podemos antecipar melhor os desafios e ajudar a construir uma base de evidências local, enquanto também examinamos o que foi aprendido nos países do Conselho de Cooperação do Golfo, em nossa região e globalmente.





Líder de organização, Modupe Adefeso-Olateju

Líder de organização não governamental, pioneira no uso de avaliações conduzidas por cidadãos e parcerias público-privadas para melhorar os resultados educacionais para crianças

É fundamental que capitalizemos esta oportunidade única em uma geração de melhorar o sistema de suporte de evidências para tomadores de decisões educacionais, incluindo formuladores de políticas governamentais, representantes do conselho escolar, diretores de escolas, professores e pais. Abraço totalmente a ideia apresentada na [seção 6.2](#) sobre esse sistema de suporte de evidências que precisa ser baseado em uma compreensão do contexto local (incluindo restrições de tempo), orientado para a demanda, e focado em contextualizar as evidências para determinada decisão de forma equitativa. Por meio da Comissão de Evidências, aprendi muito sobre como podemos complementar nossas evidências educacionais locais na Nigéria, incluindo as avaliações conduzidas por cidadãos que implementamos, juntamente com outras formas de evidências específicas para a Nigéria, bem como com as melhores evidências regionais e globais. Vejo os recursos de evidências da *Education Endowment Foundation* do Reino Unido e da *What Works Clearinghouse* do Departamento de Educação dos Estados Unidos, e posso identificar imediatamente o valor de serviços similares sendo iniciados na Nigéria e em outros países de baixa e média renda. Repositórios como a Base de Dados de Pesquisa em Educação Africana ESSA precisam ser fortalecidos e apoiados para se tornarem ainda mais úteis. Temos que trabalhar com esse fim.



Profissional, Julian Elliott

Pesquisador clínico, utilizando tecnologia para a preparação e manutenção eficiente de sínteses de evidências e diretrizes “vivas” para informar a tomada de decisão

Encerro meu trabalho com a Comissão de Evidências ainda mais convencido de que precisamos encontrar maneiras de sistematizar os muitos aspectos da resposta de evidências da COVID-19 que deram certo e abordar as diversas questões que não foram bem-sucedidas. Isso inclui o trabalho incrível que muitos empreenderam para estabelecer projetos vivos de evidências, que agora vemos sendo adotados para além da COVID-19. Também houve um progresso significativo na pesquisa clínica com a implementação bem-sucedida e generalizada de “ensaios de plataforma” e na publicação com a adoção de *preprints*. Observo ainda com consternação a cobertura desigual de questões essenciais, em especial o nível inconcebivelmente baixo de financiamento para estudos de alta qualidade de intervenções não medicamentosas (p. ex., intervenções comportamentais, ambientais, sociais e sistêmicas), a baixa qualidade e a desatualização de sínteses das evidências, e a desoladora quantidade de duplicação supérflua.





Cidadã, Maureen Smith — Líder cidadã, promovendo o engajamento significativo de pacientes e cidadãos na condução de pesquisas e seu uso na tomada de decisão



Cidadã, Hadiqa Bashir — Jovem líder, atuando em defesa dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero em ambientes dominados por homens

Como duas dos três “cidadãos” contribuindo para a Comissão de Evidências, concluímos que precisamos estabelecer expectativas mais altas sobre como os cidadãos estão envolvidos na produção, compartilhamento e uso de evidências para responder aos desafios sociais. Nosso companheiro comissário cidadão, Daniel Iberê Alves da Silva, trouxe sua experiência como jovem líder indígena para a criação da [seção 4.10](#) (direitos e saberes indígenas). Precisamos garantir que os povos indígenas controlem seus dados e que honremos a diversidade e a complexidade das abordagens indígenas de aprendizagem e ensino. Aqui, enquanto uma de nós (Maureen) se baseia em suas experiências como uma “parceira paciente” de longa data na pesquisa e, mais recentemente, como líder do engajamento cidadão da COVID-END nas sínteses de evidências da COVID-19, a outra (Hadiqa) se baseia em suas experiências de levar evidências para seu trabalho de *advocacy* no Paquistão.

A comunicação de evidências aos cidadãos tem sido particularmente desafiadora durante a pandemia de COVID-19 por muitas razões:

- muitas decisões foram tomadas e diversas recomendações foram emitidas – sobre medidas de saúde pública, gestão clínica, arranjos de sistemas de saúde, e respostas econômicas e sociais – e, então, ajustadas ao longo do tempo conforme a pandemia evoluía e as evidências se acumulavam, muitas vezes sem explicar adequadamente por que as decisões e as recomendações haviam mudado;
- foram geradas muitas formas de evidências e houve problemas significativos com a quantidade de “ruído” criada pelos altos volumes de evidências e sua qualidade irregular, o que, muitas vezes, resultou em cidadãos questionando em quais evidências confiar para sua tomada de decisão;
- frequentemente, cidadãos e líderes cidadãos de diferentes grupos e contextos não estavam envolvidos na produção e no compartilhamento das evidências, e as evidências resultantes não “falavam com” muitos cidadãos;
- diversas plataformas de notícias e redes sociais – ativa ou passivamente – permitiram esforços de desinformação (tal como discutido na [seção 4.11](#)).

Consideramos necessário elevar o nível da nossa ação relacionada ao envolvimento dos cidadãos na produção, compartilhamento e uso de evidências para responder aos desafios sociais. A chave para alcançar esse objetivo e promover uma cultura de evidências para toda a sociedade é a conscientização sobre (e o acesso a) evidências em termos que sejam compreensíveis e relevantes para os cidadãos, bem como a capacidade de determinar o que caracteriza uma evidência confiável. Com a COVID-END, mostramos que um grupo diversificado de cidadãos pode ser significativamente envolvido na preparação de sínteses rápidas de evidências em prazos que variam de um a 10 dias, na atualização regular de diretrizes vivas em uma base semanal ou mensal, e na preparação de resumos em linguagem simples das sínteses de evidência e diretrizes. Com o tempo, esses produtos de evidências podem se tornar produtos de evidências dos cidadãos tanto quanto são produtos de evidências dos pesquisadores. Vimos que os líderes cidadãos são intermediários importantes e devem estar ativamente envolvidos no compartilhamento de evidências em suas comunidades. Ademais, fomos lembrados de que os cidadãos também são tomadores de decisão e suas necessidades de evidências devem ser atendidas, assim como as necessidades dos formuladores de políticas governamentais são atendidas.

O envolvimento significativo dos cidadãos deve apoiar os esforços para responder a todos os desafios sociais. A pandemia acentuou uma série de “pandemias ocultas”, como a violência baseada no gênero, níveis crescentes de desconfiança no governo, desigualdades raciais e sociais, e muito mais. Se quisermos chegar à raiz desses desafios sociais, precisamos criar espaço para um engajamento significativo dos cidadãos e uma liderança nos processos de criação de evidências, bem como nas iniciativas de mudança de políticas.

É revelador que a análise da Comissão de Evidências sobre as comissões globais tenha encontrado um envolvimento tão limitado dos cidadãos em todos os aspectos de seus trabalhos. Os cidadãos foram descritos com menos frequência como público-alvo, comissários e o foco de um engajamento mais amplo. Os cidadãos precisam estar envolvidos de forma equitativa no processo de traçar caminhos para o uso de evidências para responder aos desafios sociais.



**Intermediária de evidências, Julia Belluz**

Respeitada jornalista, levando rigor ao jornalismo sobre o que a melhor ciência disponível nos diz ou não sobre os principais desafios do nosso tempo

A pandemia de COVID-19 tem sido um momento desafiador que nos desorienta de muitas maneiras, inclusive para todos nós que estamos tentando entender e comunicar o que as evidências mais recentes podem nos dizer sobre o vírus e como manter nossas famílias, comunidades e países seguros. Em um ambiente de informações em rápida evolução, onde estamos constantemente questionando e atualizando suposições, entender as implicações dos novos estudos ou políticas tem sido mais difícil do que nunca. Porém, a boa notícia é que a COVID-19 também acelerou um impulso global para desenvolver e refinar ferramentas que possam ajudar as pessoas a pensar criticamente sobre as evidências e contextualizá-las. Estou pensando em particular na síntese de evidências e nos produtos vivos de evidências, que o relatório aborda nas [seções 4.4 e 4.7](#). Sua própria razão de ser é reunir as melhores e mais recentes evidências sobre importantes questões sociais, políticas e clínicas para chegar a conclusões mais bem fundamentadas. Por exemplo, o inventário da COVID-END reúne evidências de alta qualidade sobre tudo, desde como as várias vacinas se comportam com relação às novas variantes do coronavírus até o impacto que o fechamento de escolas tem na minimização do risco de surtos (veja a [seção 4.12](#) para exemplos adicionais). Essas ferramentas devem ser um recurso essencial para os jornalistas que fazem a cobertura dessa pandemia, para a próxima pandemia e para os muitos outros desafios sociais que virão. Para aqueles diretamente afetados pelas decisões de médicos, servidores públicos e autoridades eleitas, essas ferramentas também podem salvar vidas. Só espero que essa pandemia finalmente ajude mais pessoas a apreciar, e usar, tais ferramentas.

**Intermediária de evidências, Kerry Albright**

Servidora pública internacional e eterna curiosa, levando entusiasmo sobre a tomada de decisão informada por evidência, pensamento sistêmico, e ajuda para a compreensão do valor da evidência para o desenvolvimento internacional

Quero celebrar os muitos sucessos que tivemos coletivamente com o uso de evidências para responder aos desafios sociais – tanto antes como durante a pandemia de COVID-19 – e encorajar todos nós a redobrar os esforços agora para institucionalizar o que está alcançando êxito e melhorar em outras áreas. Percorremos um longo caminho nos últimos, digamos, cinco anos em diferentes partes do sistema da ONU, e ainda temos um longo caminho à frente no sentido de apoiar o uso de evidências por formuladores de políticas governamentais e outros tomadores de decisão nos estados-membros, usar evidências nas recomendações normativas e assistência técnica da ONU, e aproveitar ao máximo as parcerias com produtores de bens públicos globais, que são o assunto de muitas seções nos capítulos 5 e 6.

Em termos de oferta de evidências, é preciso reconhecer dois pontos. Primeiro, há uma tensão para os pesquisadores entre promover estudos únicos (geralmente seus próprios estudos, com estudos de caso de impacto geralmente sendo vinculados ao aumento do financiamento universitário) e promover conjuntos de evidências, incluindo o trabalho de “concorrentes”. Conforme abordamos nas [recomendações 22 e 23](#), precisamos revisar os incentivos criados por instituições acadêmicas e periódicos para garantir que, no futuro, apoiemos um enfoque em conjuntos de evidências e ciência aberta. Em segundo lugar, há uma tensão para os intermediários de evidência entre distinguir formas discretas de evidências e encontrar uma linguagem que possa captar abordagens mais holísticas. No UNICEF, estamos cada vez mais usando uma definição de pesquisa de implementação que aborda a geração e o uso de evidências, o que está sendo coliderado por tomadores de decisão e integrado em todas as etapas da tomada de decisão (não apenas a etapa 3 na [seção 4.2](#)), incluindo contribuir para a programação adaptativa e incorporar os tipos de análises de sistemas e políticas complementares descritos na [seção 5.4](#), e ainda o que pode ser chamado de análise contextual mais ampla. Essa análise contextual inclui análises da cultura, relações e diferenciais de poder e pode recorrer a ferramentas como análise de situação, análise de rede social e análise de poder.





Intermediária e produtora de evidências, Gillian Leng

Executiva experiente, liderando uma agência de avaliação de tecnologias e diretrizes para apoiar a tomada de decisão no âmbito da atenção à saúde e assistência social para governos, provedores de serviços e pacientes

O Reino Unido tem liderado um trabalho ao longo de muitos anos que visa encorajar a síntese e o uso de evidências – desde o primeiro ensaio clínico randomizado para prevenir o escorbuto em marinheiros, até os mais recentes e inovadores *What Works Centres* para promover o uso de evidências em uma série de áreas políticas. Como parte desse movimento baseado em evidências, nos últimos 20 anos, o *National Institute for Health and Care Excellence* - NICE (Instituto Nacional para a Saúde e Excelência Clínica) transformou o uso de evidências em prática da atenção à saúde, bem como em iniciativas mais amplas de saúde pública e assistência social.

A pandemia de COVID-19 reforçou dramaticamente a necessidade de evidências de alta qualidade para informar políticas e práticas, e também destacou as consequências negativas da mídia social e da desinformação a ela associada. Nesse contexto, o trabalho da Comissão Global de Evidências para Responder aos Desafios Sociais é extremamente importante e deve ser visto como uma leitura essencial para todos os formuladores de políticas em todo o mundo.



Produtor de evidências, Jan Minx

Acadêmico orientado para o impacto, levando abordagens inovadoras de sínteses de evidências para aconselhamento político nacional e avaliações científicas globais sobre a mudança climática e sustentabilidade

Estou trabalhando na *interface* entre duas formas de evidências: 1) sínteses de evidências, que buscam aprender com o passado e são amplamente usadas no setor da saúde; e 2) modelagem, que visa prever o futuro e é amplamente utilizada no campo das mudanças climáticas. Apoio fortemente a **recomendação 19** – precisamos aprender com os grupos de evidências em outros setores. Como observamos nessa recomendação, a Cochrane foi pioneira em muitas abordagens para sintetizar estudos sobre o que funciona na saúde, incluindo sínteses vivas de evidências, e o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) foi pioneiro em muitas abordagens para modelar as mudanças climáticas causadas pelo homem a longo prazo. A Cochrane e o IPCC podem aprender entre si e com os outros, e outros podem aprender com eles.

